

A TRANSFERÊNCIA EM AUGUST AICHHORN E A PESQUISA NA SOCIOEDUCAÇÃO

TRANSFERENCE IN AUGUST AICHHORN AND RESEARCH ON SOCIOEDUCATION

Luísa Puricelli Pires¹Stéphanie Strzykowski²

Resumo: August Aichhorn, em seu livro *Juventud Desamparada*, trata do tema da transferência de adolescentes com reeducadores em uma instituição de ressocialização de jovens que nomeava delinquentes, algo similar a uma instituição socioeducativa da atualidade. Buscamos enlaçar a experiência do educador austríaco, cujos registros datam da década de 1920, com o trabalho de pesquisa-intervenção que temos desenvolvido a partir da psicanálise no âmbito da socioeducação. Procuramos, neste escrito, sobretudo, tensionar o entendimento de que a transferência consiste em um meio do educador (ou socioeducador) estabelecer a comunicação com o jovem, fazendo-se objeto da transferência.

Palavras-chave: Adolescência. Socioeducação. August Aichhorn. Transferência.

Abstract: August Aichhorn, in his book *Juventud Desamparada*, deals with the subject of the adolescence's transference with reeducators in an institution of resocialization of young called delinquents that would be similar to a socioeducational institution of the present time. We seek to enlance the experience of the austrian educator, whose records date back to the 1920s, with the work of intervention-research that we have been developing from psychoanalysis in the scope of socioeducation. In this paper, we aim to problematize the understanding that transference consists of a means of the educator (or socioeducator) to establish communication with the young person, making himself object of the transference, but not totally.

Keywords: Adolescence. Socioeducation. August Aichhorn. Transference.

O encontro com o livro de August Aichhorn¹, *Juventud Desamparada* (1925/2006), nos despertou o desejo de fazer com que ele falasse à atualidade do tema da violência juvenil e da educação. Nesse contexto, buscaremos refletir sobre alguns pontos trabalhados por Aichhorn, articulando-os tanto às teorizações de Freud quanto à experiência que temos tido no âmbito da pesquisa psicanalítica em uma instituição socioeducativa de Porto Alegre. Particularmente, interessa-nos refletir sobre a leitura feita por Aichhorn acerca do conceito freudiano de transferência a partir de sua prática no cotidiano de uma instituição de acolhimento, ou seja, tendo em seu cerne não a relação entre psicanalista e

¹Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, psicanalista associada ao Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, bolsista CAPES no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisadora integrante do eixo Psicanálise, Educação, Adolescência e Socioeducação do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS) e coordenadora do Projeto Creare. E-mail: luisa_puricelli@yahoo.com.br

²Psicóloga formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestranda do Programa de Pós-graduação de Psicanálise: clínica e cultura (UFRGS). Pesquisadora vinculada ao eixo Psicanálise, Educação, Adolescência e Socioeducação do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS). E-mail: stephanie.strzykowski@hotmail.com

analisando, mas sim entre “reeducadores” e os chamados “jovens delinquentes” do século XX.

Ao aproximarmo-nos da obra de Aichhorn, fomos percebendo a existência de um jogo de pontos de divergência e convergência entre o seu trabalho e as pesquisas que temos desenvolvido². Nesse sentido, achamos pertinente convidar o leitor a revisitar conosco, ainda que brevemente, os caminhos trilhados por nossas investigações no campo de articulações entre psicanálise e socioeducação.

Ao final de 2014³, iniciamos um trabalho de pesquisa em uma instituição socioeducativa na tentativa de criar um espaço de escuta com os adolescentes que estavam em restrição de liberdade. Essa intervenção, na qual inspiramo-nos na livre-associação proposta por Freud (1912a/2006), organizou-se na forma de um grupo de fala sem temáticas preestabelecidas, através do qual foi possível escutar questões caras aos jovens para além dos delitos praticados. Em outras palavras, apostamos na possibilidade do surgimento de novos meios de enunciação de si que pudessem ser engendrados a partir da fala direcionada à escuta psicanalítica sustentada pelos bolsistas-pesquisadores durante o trabalho.

Em um segundo momento da pesquisa, passamos a ofertar o mesmo dispositivo de escuta, mas agora em conjugação com narrativas musicais demandadas pelos próprios meninos, especialmente nos gêneros *rap* e *funk*. Aos bolsistas que acompanhavam as *Rodas de Conversa* coube tentar fazer com que fossem operados alguns deslocamentos naquilo que ia se produzindo no discurso dos jovens a partir do enlace com a materialidade das músicas e os mais variados aspectos de suas vidas. Observamos que, pela via da palavra compartilhada entre os iguais e os pesquisadores, iam-se abrindo pequenas brechas para alguns estranhamentos perante o que, até então, era repetido rigidamente em suas falas.

Em seguida, além da continuidade do projeto das *Rodas de R.A.P.*, começamos a refletir sobre a importância de os agentes socioeducativos também terem espaços de fala e escuta. Isso porque, cada vez mais, fomos nos inquietando com o discurso dos jovens, os quais traziam seu dia a dia com os agentes sempre repleto de cenas de violentas, levando-nos, assim, a questionar o que se dava nessa relação e o que do sofrimento psíquico dos trabalhadores poderia estar circulando apenas por essa via da hostilidade.

Partindo dessas interrogações, fomos escutar os socioeducadores, e, atentos ao que se passava em transferência, escutamos a constituição de uma demanda de fala neles, formulando, assim, o que viria a ser nomeado de *Posto Móvel de Escuta*⁴. Seguindo nas trilhas das investigações metodológicas que já vinham sendo realizadas no trabalho com os adolescentes, passamos a refletir de forma mais densa sobre a construção de um modo de intervir com os agentes dentro da instituição socioeducativa, tendo como base os pressupostos ético-metodológicos da Psicanálise e as interligações que tecemos com o tema da experiência e a *flânerie* de Walter Benjamin.

Benjamin (1933/2012) apontava que a vivência seria produto de uma avalanche de sensações, informações e fatos que atropelam o sujeito moderno pelo choque das multidões e pelo ritmo industrial, em que não se tem tempo para fazer decantar uma experiência mais densa a partir do que é vivido. De uma forma isolada, que não faz laço, que não carrega e não agrega nenhum valor coletivo, a vivência do indivíduo privado aponta para a superprodução de impressões fortes que precisam ser assimiladas às pressas e produzem efeitos

imediatos – o que podemos facilmente relacionar com os tempos sombrios em que vivenciamos a proliferação das imagens, das publicidades e do excesso de divulgação de si mesmo enquanto um objeto a ser consumido no social. Nessa perspectiva, para Benjamin, ao se possibilitar que uma vivência decante em uma experiência, modifica-se também o modo como o sujeito se relaciona com o tempo e com o espaço.

Nessa linha, a *flânerie*⁵ surge para nós através das palavras de Walter Benjamin (1937/2011) quando este retoma a alegoria do *flâneur* de Baudelaire para pensá-la em articulação ao catador de restos que perambulava pelas cidades modernas em busca daquilo que grande parte da sociedade considera inútil. Ambas as figuras produziam uma espécie de subversão ao ritmo veloz imposto pela modernidade em função de seus modos particulares de estar e habitar a cidade, as quais remetiam a um tempo mais distendido. Essa experimentação temporal diferenciada é o que lhes dava condições de olhar o que ninguém olhava e de perceber uma sutil riqueza em fragmentos que, aparentemente, eram apenas destroços jogados no lixo⁶.

De outro lado, a atenção flutuante se configura como o núcleo da proposta metodológica de Freud (1912b/2006) quando este mostra que, assim como a associação livre do analisante denota sua entrega aos processos inconscientes, aquela é a contrapartida do psicanalista, que não se atém a nada em específico. Nesse sentido, ele se deixa mergulhar nas profundezas do inconsciente para ali pescar um ponto que lhe surja de súbito grifado, aos moldes do que acontece nos sonhos – quando um simples detalhe permanece atraindo a atenção do sonhador, ainda que pareça totalmente insignificante (FREUD, 1900/2006).

Nossa metodologia, nomeada escuta-*flânerie* (Pires, 2016), se dá nesse entremeio da escuta psicanalítica do inconsciente e da posição da psicanalista-pesquisadora que transitava pelos corredores e alas da instituição socioeducativa, sentando junto aos portões e disponibilizando sua escuta aos agentes socioeducadores durante seu trabalho. Em um movimento que conjuga a atenção flutuante e a *flânerie* de Baudelaire, sustentou-se a possibilidade de criar, no cotidiano maniqueísta da instituição, um intervalo para a abertura de um espaço em que o inconsciente se tornasse o cerne a ser olhado, escutado e manuseado, desde uma posição ética da transferência. Buscando o Bem-Dizer, como apresentava Lacan (1959-1960/1991), e não um Bem Supremo, algo correto e virtuoso, a posição de escuta-*flânerie* se adaptava ao meio socioeducativo e, ao mesmo tempo, inseria uma inovação através do valor oferecido às manifestações do inconsciente.

Ainda que saibamos que a fala em análise é diferente da fala dirigida dentro de uma instituição, sustentamos que esta pesquisa na socioeducação tem como base a escuta psicanalítica, em que a transferência é o timão que nos guia pelos caminhos do inconsciente. E nesse flutuar por entre os corredores da instituição, muitas experiências dos agentes socioeducativos foram sendo recolhidas, oferecendo novo sentido para o que insistia em vir enquanto lixo, desvalor e mortífero. Ali, mesmo na aridez e no caos da violência e da precariedade, a palavra se fazia presente e, vez e outra, anunciava um mar de simbolismos.

Grande parte das ricas experiências relatadas por August Aichhorn em *Juventud Desamparada* (1925/2006) ocorreram durante o período de tempo em que ele permaneceu trabalhando na Instituição de *Oberhollabrunn*, localizada em Viena. Este lugar, dirigido por ele, nasceu do desejo de acolher e “reeducar” aqueles considerados em sua época como crianças e adolescentes “delinquen-

tes". A prerrogativa era atrair esses jovens para o convívio em sociedade, oferecendo-lhes um lugar para viver enquanto não estivessem aptos a voltar para seus lares.

Conforme Pelegrino (1983), mesmo Freud não foi perspicaz ao trazer a educação como um meio de socializar as crianças e jovens, pois não levava em consideração nesta ideia a noção de que a sociedade capitalista necessita manter a injustiça social que assola esses jovens, em sua maioria negros das periferias das cidades. Neste sentido, ressocializar os adolescentes é, em grande medida, colocá-los à mercê do Estado que garante e mantém o pacto social, negligenciando seus direitos básicos.

Neste aspecto, ainda que guardem similaridades com um sistema doutrinário e punitivo ao propor uma adaptação dos jovens à sociedade, acreditamos que as considerações que Aichhorn (1925/2006) vai construindo ao longo de sua obra são muito importantes para seguirmos pensando o campo da socioeducação. Uma dessas contribuições diz respeito à relevância de conseguirmos *escutar* o que está em jogo em situações de vulnerabilidade, sobretudo de âmbito socioeconômico – contextos que, guardadas algumas particularidades, parecem atravessar tanto uma parcela daqueles que frequentavam a instituição de Aichhorn quanto os jovens que cumprem medida socioeducativa nos dias de hoje⁷.

Sobre a referida questão, lembramos que o autor analisou o caso de um adolescente internado em sua instituição que, quando em sua casa, tinha por hábito dormir com seus pais na mesma cama. Numa primeira mirada, a situação poderia ser explicada unicamente pelo fato de não haver mais de um quarto na moradia e pelo sofá da sala já ser utilizado pela irmã do menino. O curioso é que, mesmo quando essa última menina se casa e deixa de morar no mesmo local, o jovem segue dormindo com os pais – ainda que existissem as condições materiais para que isso não se repetisse.

Acreditamos que, ao refletir sobre esse adolescente, Aichhorn nos convoca a não limitar nosso olhar, quer dizer, reduzindo-o a um viés determinístico na análise de cenários empobrecidos em termos de infraestrutura e recursos. Isso porque, ao cairmos nessa cilada, podemos terminar por, imbuídos de um sentimento de impotência, tamponar nossa escuta em relação às ricas tramas inconscientes que aí se apresentam⁸.

Entendendo que o adolescente se apresenta através do ato infracional, Aichhorn (1925/2006) traz uma nova concepção acerca do termo delinquente, tomando-o como um meio de nomear a relação do jovem com a sociedade e não apenas uma leitura jurídica e/ou discriminatória. Aichhorn nos parece revolucionário ao considerar o adolescente um sujeito que evidencia seus conteúdos inconscientes através de seus atos, parecendo retomar a ideia de Freud (1912a/2006, p. 111) acerca do “clichê estereotípico”, ou seja, esse padrão que o sujeito repete no seu modo de se relacionar sem ter consciência disso.

O JOVEM E O REEDUCADOR: NA TRANSFERÊNCIA

Durante toda a leitura de *Juventud Desamparada* (1925/2006), ressoava em nossa escuta a incessante busca de Aichhorn em salientar que a delinquência se constrói como uma resposta ao desamparo do sujeito, vivenciado com os pais e a sociedade, naquilo que chama de “grande decepção em seu primeiro amor” (p. 113, tradução nossa). O desamparo do qual ele nos fala, presente inclusive no título de sua obra, pode ser lido na perspectiva de um sujeito que não

contou, durante o período de sua constituição psíquica precoce, com o amparo e a preocupação do cuidador. É interessante deixar claro que essa dificuldade em relação ao exercício da função do adulto não trata apenas da dimensão do abandono ou dos maus-tratos, mas inclui também a superproteção dos pais ou responsáveis em relação à criança. Assim sendo, a dimensão do desamparo se produziria a partir do (des)encontro do sujeito com o Outro⁹.

Desde uma perspectiva bastante econômica do psiquismo, Aichhorn (1925/2006) também chama a nossa atenção em relação aos “perigos internos” inerentes ao sujeito e seu campo pulsional, o qual atua constantemente como uma força que demanda satisfação. Esses perigos são, aparentemente, colocados em segundo plano no tocante às ameaças externas, ou seja, aquelas que seriam mais evidentes aos cuidadores – o oferecimento, por exemplo, de uma casa para morar ou de uma alimentação que preserve a vida do bebê. Retomando a constituição da criança e do adolescente, Aichhorn (1925/2006) coloca que o pulsional tornar-se-ia um perigo ao sujeito quando este não passa por um processo de regulação de sua demanda interna a partir da intervenção externa, de modo que a intervenção de um adulto é imprescindível para que o bebê não permaneça relegado ao desamparo psíquico, que o empobrece de identificações e experiências.

Ao ocupar-se da noção de delinquência como uma forma de relação com os adultos e as implicações deste como regulador da vida psíquica da criança, Aichhorn traz o exemplo de um jovem que provoca uma briga na instituição, momento no qual ele visualiza no garoto um desejo inconsciente de se fazer ser posto para fora, em outras palavras, ser novamente abandonado. Importa dizer que Aichhorn (1925/2006, p. 117) e sua equipe trabalhavam buscando identificar, justamente, a “máscara” que o jovem construiu como meio de sobrevivência em seu ambiente, suas defesas perante o mal-estar do (des)encontro com seus cuidadores, figuras encarnadas do Grande Outro, durante o processo de constituição psíquica. Assim, o autor opera uma virada em sua escrita, passando a tomar mais enfaticamente a importância do papel do reeducador, categoria que pode ser aproximada à noção de agentes socioeducativos¹⁰ que temos contemporaneamente.

A partir dessas considerações, Aichhorn (1925/2006) toma a noção de transferência, conceito advindo da psicanálise freudiana, para investigar de que forma ela perpassava o dia a dia dos reeducadores e adolescentes. Além disso, ele se pergunta, de forma inédita, quais as diferenças quanto ao manejo da transferência entre um psicanalista e um reeducador atravessado pela psicanálise.

Tomando agora as questões principais que Aichhorn (1925/2006) aponta no capítulo sobre a transferência, vemos como ele vai colocando mais luz sobre a pessoa do educador e não do jovem. Lembrando que a transferência é uma relação emocional intensa, em que inúmeras demandas do sujeito tomarão a frente do contato com o reeducador, o autor propõe uma metodologia embasada na psicanálise, em um movimento de apostar na figura do educador, acreditando, pois, que sua presença possa vir a ter uma interferência no modo como o adolescente se relaciona. E é necessário acrescentar que isso tudo só foi pensado por ele no *a posteriori*¹¹ (FREUD, 1895/1969), pois, segundo o que seus escritos indicam, Aichhorn só tomou contato com a psicanálise mais tarde.

O que, curiosamente, notamos no próprio Aichhorn é essa disparidade entre uma teorização um tanto quanto dura e a narrativa de uma experiência em que se permite não saber, criando modos de trabalhar a partir de sua posição

subjetiva. Como vimos, é depois de sua vivência dentro da Instituição de reclusão para jovens que Aichhorn começa a dar nome ao que considerava ser o papel do reeducador. De maneira ampla, caberia a este profissional retirar a referida máscara que o jovem faz uso, para que, assim, fosse possível criar um meio de contato com o sujeito que permanece acuado e escondido (AICHORN, 1925/2006). Para isso, o próprio adulto que esteja encarnando a função de cuidador teria que ter passado por essa experiência que Freud (1915/2006) chamou de recalque – isso que limita a forma de satisfação da demanda pulsional e circunscreve o sujeito a um lugar de alteridade.

Apontando para uma situação em que o adolescente mente, Aichhorn (1925/2006) grifa que não o mandamos embora por esta conduta – como a sociedade faria por considerá-lo desviante – tendo em vista que isso seria ceder a ele, ocupando o lugar da transferência tal qual o jovem construiu. Se o jovem transfere para o educador o mesmo papel de desligamento libidinal que o marcou psiquicamente, inserindo-o numa relação de revivescência do padrão de desinvestimento do Outro sobre seu Eu, ao mandá-lo embora, o reeducador estaria repetindo na transferência a posição de abandono do jovem, que foi justamente o que o trouxe ali em primeiro lugar.

É como se Aichhorn, mesmo sem essas ferramentas teóricas à época em que teve suas experiências na instituição que hoje chamaríamos socioeducativa, apostasse na existência de algo que se situa para além do enunciado manifesto, nesse caso, a mentira contada pelo adolescente. Para a psicanálise, em função da divisão estrutural que se coloca em jogo durante o processo de constituição psíquica, há sempre um desencontro que insiste em marcar a relação entre o discurso proferido pelo sujeito falante e a dimensão inconsciente que o atravessa (LACAN, 1964/1998). Nesse contexto, o ato de enunciação, efeito singular produzido pelo sujeito inconsciente, é o que irá orientar a construção do enunciado. Por essa razão, acreditamos que Aichhorn não somente ouviu a mentira do ponto de vista do enunciado, como também operou uma escuta no nível da enunciação, identificando as relações entre o discurso e o sujeito do desejo implicado na busca de repetição.

Partindo da ideia de que a transferência é o cerne do método psicanalítico, Freud (1912a/2006) aponta para uma singularidade da prática clínica que deve ser constituída na particularidade do caso. Ao mesmo tempo, afirma que a transferência ocorre na vida e não apenas na análise, abrindo espaço para que profissionais de outras áreas se aproximassem de seu método, como foi o caso dos educadores Aichhorn e Pfister. Entendemos que, nesse caminho, ainda que a ética psicanalítica tenha suas particularidades, ela pode, sim, viabilizar que os educadores agreguem em seu fazer um espaço de fala para os sujeitos que educam, ampliando seu campo de intervenção.

No prefácio de Freud (1925/2006) ao livro de Aichhorn, ele remete o leitor aos benefícios que a psicanálise traria para o campo da educação. A aposta de Freud era que, se os profissionais passassem pela experiência analítica, isso possibilitaria a eles outra apropriação de seu lugar de sujeito, o que interferiria diretamente no trabalho de educador de crianças e jovens. Para além disso, entretanto, podemos pensar em uma transmissão que o saber psicanalítico emite a outras áreas.

Freud (1912a/2006) coloca que a transferência é o direcionamento da demanda de amor não satisfeita nas relações precoces da criança a um Outro, que passa a ocupar, momentaneamente, o lugar das figuras parentais. Essa repri-

se de uma vivência de um lugar antigo da pré-história do sujeito evidencia um retorno às representações que foram constituídas muito precocemente na vida. Como forma de resistência ao novo, o sujeito repete seu padrão relacional¹², atravancando o processo de aproximação com os conteúdos inconscientes na análise. Da mesma forma, repete na vida, esperando sempre o mesmo desfecho para as mesmas situações e, muitas vezes, colaborando ferrenhamente (inconscientemente) para que assim ocorra – como no caso trazido por Aichhorn do menino que produz uma situação na qual poderia ser expulso do acolhimento.

No entanto, ainda que a transferência seja uma resistência, o tratamento analítico se dá justamente nesse diapasão, pois ali seria também o meio pelo qual o analisante coloca sua verdade, seja por meio de palavras ou atos, como Freud (1914/2006) acrescenta em *Recordar, repetir e elaborar*. Sendo necessário repetir para só depois recordar, o sujeito encena na transferência os mais profundos conflitos e dores psíquicas, colocando na cena analítica aquilo que não tem ainda uma entrada simbólica no psiquismo e que, através da repetição sem nome, pode vir a ganhar um novo sentido transferencial – que será construído. Nesse contexto, ele repete também para poder elaborar (FREUD, 1912a/2006; 1914/2006; 1937/2006).

Tomando a ideia de Freud (1912a/2006) de que a análise deve oferecer ao analisante um *playground* para que este possa vivenciar os efeitos da associação livre e da força da palavra, repetindo seu padrão relacional e, ao mesmo tempo, surpreendendo-se com a potência do inconsciente, Aichhorn (1925/2006) narra suas experiências com os jovens delinquentes, evidenciando que proporcionava a eles um lugar de fala, operando uma escuta dos garotos e garotas reclusos na instituição. Mais do que isso, escutava seus atos como manifestações de seus inconscientes. Em outras palavras, Aichhorn relata que via aqueles “delinquentes” como sujeitos.

Nessa perspectiva, parece que a ideia de cura pelo amor articulada por Freud (1906/1976) amplia esse conceito para além do âmbito da análise, engendrando, na entrada do adolescente na instituição socioeducativa, um novo campo de interlocuções. Além disso, Freud (1912a/2006) pondera que a resistência que aparece no tratamento psicanalítico não se torna tão preponderante em outras situações, podendo inclusive corroborar a cura. Resta, porém, a pergunta de como um educador poderia operar com a transferência.

Entrando na transferência, escutando-a, Aichhorn (1925/2006) afirma que o educador criará um modo de agir com cada jovem, a partir das referências que este vai disponibilizando através do modo como se direciona ao adulto. Não há, portanto, uma receita ou forma única predefinida. Ele coloca que, sendo necessário permitir a repetição que está imbricada na transferência, também se deve aproveitar essa libido emitida pelo adolescente para a figura do educador, utilizando-a em benefício da socialização – objetivo principal do trabalho de Aichhorn, que se mantém ainda em vigor na socioeducação¹³ e que discutimos *en passant* trazendo as contribuições de Hélio Pelegrino anteriormente.

Através da escuta da transferência, o educador redireciona a libido do jovem para outros caminhos. Aichhorn (1925/2006) afirma que o educador deve permitir a repetição da transferência, o ódio que lhe será endereçado ou o amor intenso, ou, ainda, uma indiferença atroz, mas não entende o adolescente da mesma forma que os pais e nem o trata do mesmo jeito que a sociedade o toma.

Para Freud (1912a/2006), a transferência positiva está lado a lado com a transferência negativa, devido à ambivalência inerente aos seres humanos. No

texto *A dinâmica da transferência*, ele aponta que, na análise, quando a transferência negativa monopoliza o tratamento, não há esperança de cura, como no caso dos paranoicos. Seguindo esse raciocínio, ele aponta que, nas instituições, a transferência de sentimentos hostis e agressivos acabam por levar os sujeitos a um “estado inalterado ou agravado”, enquanto a transferência erótica mantém o sujeito “a certa distância da vida” (FREUD, 1912a/2006, p. 117). Desse modo, vemos que Aichhorn e Freud estavam de acordo quando diziam que a transferência positiva seria o mais importante e que, tanto o tratamento analítico quanto a educação só aconteceriam quando o maior endereçamento (no sentido de investimento pulsional) do sujeito ao Outro fosse de sentimentos amistosos e fraternais¹⁴.

Levando em alta conta os primeiros contatos que se tem com o jovem, quando de sua chegada à instituição, Aichhorn (1925/2006) aponta que é preciso conquistar a confiança dele, mostrando compreender seus anseios e sua encenação – no sentido do que é posto em cena. Dessa forma, será necessário escutar inclusive as expressões corporais que possam (d)enunciar os conteúdos inconscientes do sujeito, lembrando o que Freud dizia (1900/2006) sobre se ater ao que está por detrás do manifesto, dando maior importância ao latente.

Nesse entrejogo da transferência, que no fazer do socioeducador extrapola o campo clínico e vai para a educação, Aichhorn (1925/2006, p. 114) constata que “o educador chega a ser o pai ou a mãe, mas não totalmente”! Esse *não totalmente* nos parece potente para nos aproximarmos daquilo que o autor coloca como incipiente em seus escritos e que temos condições de aprofundar para pensarmos a posição do agente socioeducativo hoje. Posição esta que se refere ao que embasa sua conduta e não uma receita de técnicas que possam ser replicadas.

Partindo do seu entendimento acerca da posição do jovem para lançar um olhar para a figura do educador, Aichhorn (1925/2006) retoma sua escrita de um terceiro ponto, questionando que demanda é essa que o jovem emite ao Outro que está na posição de adulto. Neste ponto, ele elucida que se trata de uma demanda de amor, de empatia e, ao mesmo tempo, de que o Outro ocupe esse lugar, *mas não totalmente*.

Enquanto Aichhorn vai trazendo as experiências de seu trabalho com os adolescentes, as intervenções que fazia com a equipe na posição de coordenador da instituição e suas reflexões acerca da educação e da psicanálise, vamos igualmente lembrando situações e cenas que ficaram marcadas em nossa escuta-*flânerie* durante o trajeto da pesquisa-extensão.

Certa vez, em noite de Natal, um adolescente começou a bater nas paredes e nos portões da cela com tamanho desespero que toda a equipe ficou perturbada. O menino gritava dizendo que ia fugir. Uma socioeducadora foi até ele e perguntou o que havia, pois queria fazer com que ele parasse com aquele comportamento, tendo em vista que isso, muitas vezes, incita os demais jovens a agirem da mesma forma, o que pode resultar em um motim. O garoto esbravejou e, conforme iam conversando, acabou por dizer que estava com saudades de sua mãe. Frente a essa resposta, a socioeducadora entrou na cela, sentou-se no chão, próxima de onde ele estava deitado, agora chorando, e disse que, assim como ele estava longe de sua mãe naquela noite de Natal, ela também estava longe de seu filho. Aconchegando-o em seu colo, falou que, por aquela noite, ela seria sua mãe e ele seria seu filho. O menino foi cessando o choro e dormiu.

Essa cena evidencia, dentre outras coisas, como a saúde mental do adolescente é fundamental para que toda a ala funcione, local onde estão outros jovens internados. O agente tem a função de manter a ordem, mas também deve educar. Em um duplo movimento, que está entre a segurança e a educação, emerge o vínculo, palavra execrada pelos socioeducadores, mas que surge em algumas cenas como esta narrada acima, em que o mal-estar do jovem pode ser escutado em vez de punido, evidenciando também a importância da saúde mental do educador.

Ser pai e mãe, disse Aichhorn. Mas não totalmente, ele acrescenta. Podemos inferir, a esta altura, que a socioeducadora escuta a demanda, entra no jogo transferencial e oferece a si mesma como personagem da trama do menino, construindo um laço *como se fosse real*, beirando o brincar infantil, em que o sujeito cede à fantasia, mas se mantém vinculado à realidade.

A partir das discussões levantadas por este artigo, podemos considerar August Aichhorn como um autor que transcende sua época à medida que nos apresenta reflexões que se mostram ainda tão vivas e atuais. Parece-nos que a posição ética não-toda que este também ocupava foi justamente o que lhe possibilitou ousar escutar e teorizar sobre o que se colocava em jogo nessa complexa relação entre jovens e reeducadores/socioeducadores. Nessa perspectiva, seguimos apostando na potência de suas construções como um respiro frente a tanta aridez que perpassa, como vimos, o campo da socioeducação.

NOTAS

1. O interesse pela obra de Aichhorn decorreu dos estudos desenvolvidos pelas autoras na proposta da disciplina *A juventude desamparada de August Aichhorn: uma leitura* realizada em 2016/2 no âmbito do PPG Psicanálise: clínica e cultura (UFRGS).
2. As pesquisas vêm sendo adensadas no eixo Psicanálise, Educação, Adolescência e Socioeducação, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Rose Gurski, junto ao Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS). O NUPPEC é uma ação conjunta de docentes do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS. Participam do Núcleo professores, pesquisadores e bolsistas. Para mais informações: www.ufrgs.br/nuppec e www.facebook.com/nuppec.
3. Inicialmente, com o projeto *Os jovens em conflito com a Lei, a Violência e o Laço Social* e, depois, em 2015, com o *Ritmos, Adolescência e Poesia (RAP): dos "muros" à musicalidade na Socioeducação*.
4. Este trabalho está sendo desenvolvido no projeto de mestrado da psicanalista Luísa Puricelli Pires.
5. O ensaio-*flânerie* foi a célula metodológica que deu ensejo a esta construção mais atual, agora denominada *escuta-flânerie*. O ensaio-*flânerie* foi construído em meio à conjugação da psicanálise com o tema da experiência em Walter Benjamin por ocasião da escrita da tese de doutorado **Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual** – PPG em Educação (GURSKI, 2008).
6. Nesse sentido, enlaçamos o trabalho na socioeducação com esta posição do catador de restos que vislumbra, ali onde a sociedade depositou seu lixo, uma potência. Lacadée (2011) nos auxilia a pensar essas questões que circundam a forma como a sociedade enxerga os jovens dizendo que, pior que estigmatizá-los é diminuí-los a dejetos a ser evacuado – subjetiva ou concretamente, através da morte que avassala os jovens no Brasil, sendo que mais da metade dos assassinatos que ocorrem no país são de jovens entre 15 e 29 anos (Vidal et al, 2015).
7. Segundo dados da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (2015), a maior parte da população acatada no RS é moradora de periferia e com

grandes índices de defasagem escolar. Em relação à cor, a maioria dos adolescentes (60,29%) é branca. Apesar disso, os pretos e pardos ainda estão em índices significativamente superiores aos índices na população em geral do Rio Grande do Sul. De acordo com o Censo do IBGE de 2010, 5,6% dos habitantes do estado eram pretos e 10,6% eram pardos, enquanto os brancos representavam 83,2% (FASE, 2015).

8. Vale sublinhar que, com essa discussão, não estamos desconsiderando a importância de que haja condições materiais mínimas na vida de uma criança ou adolescente, pois, junto a Pelegrino (1983) e outros autores, entendemos a relevância das discussões políticas que a psicanálise pode elucidar. De qualquer forma, parece-nos rasa uma análise que leve em consideração apenas as questões referentes ao nível socioeconômico, pois se corre o perigo de se diminuir o espaço de discussão acerca das relações que se estabelecem nesse contexto – algo que, especialmente na socioeducação, muitas vezes, acaba acontecendo.

9. Lacan (1954-1955/1985) traz as noções de “pequeno outro” e “Grande Outro”, a fim de mostrar a parcialidade da relação de objeto, coisa que Freud (1905/2006) aponta ao dizer que o objeto nunca satisfaz totalmente a libido. Enquanto o outro seria o parceiro imaginário, que está no mesmo patamar do sujeito, o Outro é aquele a quem se direciona um pedido de controle e para quem o sujeito se submete. O Outro é também a instância que inaugura a dimensão simbólica, dando espaço às palavras e ao início da existência do sujeito. Utilizamos essas nomenclaturas, no decorrer de todo o texto, por acreditarmos que elas não contradizem as ideias de outros psicanalistas, mas se acrescentam a elas.

10. De acordo com Programa de Execução de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade do Rio Grande do Sul (PEMSEIS), “o agente socioeducador representa, concretamente, a referência educativa aos socioeducandos, e suas atitudes e ações precisam ser o contraponto do mundo até então conhecido como única realidade por esses adolescentes/jovens adultos. [...] É sua competência executar, supervisionar e orientar, junto aos socioeducandos, todas as atividades previstas nas rotinas diárias em conformidade com o Plano de Atendimento Coletivo, bem como as demais atividades previstas no Plano Individual de Atendimento” (BRASIL, 2014, p. 61).

11. O termo sugere a ideia de um movimento retroativo, em que a vida psíquica e o passado estão constantemente sendo remanejados e transformados pelos acontecimentos mais recentes.

12. Padrão que relembramos ao nomear o “clichê estereotípico” e a “máscara”.

13. E que está na base do que é proposto pelo SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (2006).

14. Posteriormente, Lacan (1964/1998) iria ampliar essa discussão acerca da transferência ao tratá-la muito mais em termos de possibilidade de atualização dos conteúdos inconscientes que a partir de uma relação positiva/negativa com o analista.

REFERÊNCIAS

AICHHORN, A. **Juventud desamparada**. Barcelona: Gedisa, 2006. (Publicado originalmente em 1925).

BENJAMIN, W. O flâneur. In: BENJAMIN, W. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 2011. v. III. (Publicado originalmente em 1937).

_____. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e histórias da cultura. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. I. (Publicado originalmente em 1933).

BRASIL (2006). Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **SINASE: Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo** – Brasília-DF: CONANDA.

FASE. **Relatório Técnico de Atividades da Fundação de Atendimento Socioeducativo.** [s/l]: [s/e], 2015.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XII. (Publicado originalmente em 1912a).

_____. Construções em análise. In: **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXIII. (Publicado originalmente em 1937).

_____. Instintos e suas vicissitudes. In: **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago. v. XIV. (Publicado originalmente em 1915).

_____. Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In: **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XII. (Publicado originalmente em 1912b).

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. VII. (Publicado originalmente em 1905).

_____. A interpretação de sonhos II. In: **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. V. (Publicado originalmente em 1900-1901).

_____. **Freud/Jung – Correspondência Completa.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Publicado originalmente em 1906).

_____. Prefácio à Juventude Desorientada de Aichhorn. In: **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX. (Publicado originalmente em 1925).

_____. Projeto para uma psicologia científica. In: **Obras Psicológicas Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. I. (Publicado originalmente em 1895).

_____. Recordar, repetir e elaborar. In: **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XII. (Publicado originalmente em 1914).

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Programa de Execução de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade do Rio Grande do Sul (PEMSEIS).** Porto Alegre: SDH, 2014.

GURSKI, R. **Juventude e paixão pelo real:** problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual. UFRGS. 219 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LACADÉE, P. **O despertar e o exílio:** ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

LACAN, J. **O Seminário 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Originalmente publicado em 1964).

_____. **O Seminário 2:** o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Originalmente publicado em 1954-1955).

_____. **O Seminário 7:** a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. (Obra original publicada em 1959-1960).

PELLEGRINO, H. Pacto edípico e pacto social. **Folha de São Paulo,** São Paulo, Folhetim, 1983. Disponível em: <<http://www.psicologiahailtonyagiu.psc.br/materias/ponto-visita/287-pacto-edipico-e-pacto-social-helio-pellegrino>> Acesso em: 10 jul. 2017.

PIRES, L. **A construção de um posto móvel de escuta na socioeducação: entre vivências e experiências com agentes socioeducativos.** UFRGS. Projeto de dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

VIDAL, A. S. et al. Reformas legislativas no âmbito do direito penal juvenil: o adolescente como inimigo. In: COSTA, A. P. M.; EILBERG, D. D. (Orgs.). **Justiça Juvenil na contemporaneidade.** Porto Alegre: DM, 2015.